ATRASADA

ANDRESSA MARIA DE OLIVEIRA QUEIROZ

É natural de Dourados (MS), onde vive e escreve.
É licenciada em Letras – Inglês pela UFGD, professora da rede estadual de Mato Grosso do Sul e estudante do curso de Escrita Criativa da UFGD.
Publicou anteriormente um conto na Coletânea 20 anos da UFGD.

E-mail: andressaoliqueiroz@gmail.com

Ela verificava o relógio no pulso a cada minuto. Estava atrasada. Olhava o relógio e mais dois minutos haviam passado. Por que o tempo passa tão rápido quando estamos atrasados? O tempo trabalha contra as pessoas, correndo para nos deixar para trás, caminhando lentamente como um idoso quando precisamos que ele corra.

Ainda estava muito longe de seu destino. Olhou pela janela do ônibus e viu os carros passando e os ultrapassando, enquanto isso ela estava, ainda, ali. Não se sentava confortavelmente no banco do ônibus, sentava-se na ponta, a coluna bem ereta, como se ao não relaxar chegasse mais depressa.

Mariana sentia o suor grudar os cabelos em sua nuca, o vento que entrava pelas janelas abertas não ajudava a combater o calor. Estava muito atrasada, era o que seu relógio gritava, talvez nem conseguisse chegar ao seu destino. O ônibus tremia e balançava ao passar pelas ruas esburacadas, o movimento machucava o corpo da moça e a deixava enjoada. Mas não podia relaxar. Estava atrasada.

Devia ter saído mais cedo, devia ter acordado mais cedo, não devia ter sentado à mesa e passado tanto tempo aproveitando aquele café que a ajudava a despertar. Mariana se mantinha da forma mais desconfortável que podia no ônibus, era sua culpa não ter se planejado e saído antes se sabia que dependia do ônibus para chegar lá, não podia relaxar na viagem.

Se isso ajudasse, estaria correndo para que o ônibus se movimentasse mais rápido. A sua perna começou a tremer. Conferiu novamente o relógio. Se não estivesse em

público talvez um gemido dolorido teria saído pelo seus lábios, mas fez apenas uma careta. Estava muito atrasada.

Quantos já teriam chegado? Será que esperariam por todos? Tinha certeza que não. Não esperariam os retardatários. Ela devia ter saído uma hora antes, agora não chegaria a tempo. Era a oportunidade de uma vida e ela não chegaria a tempo.

Mariana não podia deixar de mentalmente se xingar. Dividia sua atenção entre o relógio que lhe mostrava o tempo que corria e os carros que corriam na rua. Se lastimava por não ter saído mais cedo, por não ter se preparado antes.

O ônibus parou no sinal. A perna de Mariana tremia mais que o veículo. Um tremor voluntário, como se ao se movimentar as coisas se movessem mais rápido, o sinal vermelho mudaria para o verde mais rapidamente, o motorista sairia com o veículo mais depressa. O trânsito não colaborava, havia muitos carros, muitos sinais vermelhos, muita lentidão que a atrapalhava.

O relógio lhe dizia que ela estava ficando sem tempo para chegar ao compromisso de sua vida, ao seu destino. O caminho era tão longo e o tempo já tinha vencido. Estava perdida.

Começou a respirar profundamente e lentamente tentando fazer com que as lágrimas que estavam paradas em sua garganta não se movessem para fora pelos seus olhos, mas fossem engolidas. Mariana sentiu o corpo se esvair de forças, as costas ameaçarem se encostar no banco. Cedeu.

Desejava ardentemente que pudesse fazer o tempo diminuir a velocidade, parar por alguns minutos, e o ônibus continuar andando pelo caminho, assim, recuperaria o tempo perdido. Mas não podia. E tinha cometido o terrível erro de não acordar antes, de não se arrumar mais cedo, de esperar tanto com uma xícara de café na mão.

Encostada no banco, derrotada, pensou como seria sua vida se tivesse acordado antes e não esperado tanto para sair de casa. Já estaria chegando ao seu destino, talvez já tivesse conseguido a oportunidade e tivesse outra vida, talvez nem estaria mais andando de ônibus.

Mariana olhava os carros que a ultrapassavam, o trânsito parecia funcionar para eles, se ela tivesse um carro ela podia ter acordado mais tarde, mas ela não tinha e esse foi seu erro. Mariana não podia evitar olhar para os carros que iam na direção contrária e se perguntar se em algum deles existiam pessoas que estavam à sua frente, que já

tinham conseguido sua oportunidade e que agora voltavam felizes para casa sabendo que a sua vida mudara.

Por que todos ao redor dela pareciam ter tempo de sobra enquanto ela estava internamente rezando para o deus do tempo que lhe desse mais alguns minutos, que parasse o relógio enquanto ela continuava, que diminuísse a velocidade da corrida? O relógio mostrava que mais dez minutos se passaram. Dez minutos! Em um piscar de olhos dez minutos se foram e ela continuava dentro do ônibus que continuava ainda muito longe do ponto onde ela devia descer antes de ter que caminhar até o destino final.

Ainda tinha mais estrada após o ponto de descida. Ela ainda teria que andar alguns quilômetros até chegar ao prédio. Pelo seu atraso ela teria que correr assim que descesse do ônibus, mas em sua desesperança ela sabia que não podia correr rápido. Mariana queria correr mais rápido que o tempo. Uma impossibilidade física e filosófica. Olhava a janela, os carros a ultrapassando. Olhava o relógio, a hora a ultrapassando. Sua perna tremia, movendo-se voluntariamente, mas sem afetar o tempo.